

São Paulo, 03 de abril de 2008.

Prezado Investidor,

Março de 2008 foi um dos meses mais difíceis já enfrentados pela Quest Investimentos. A performance dos fundos sob nossa administração, especialmente da estratégia Macro, foi ruim. Gostaríamos inicialmente de tecer alguns comentários em relação aos motivos que nos levaram ao mau desempenho no mês:

- Embora tenha se confirmado nossa visão de que a economia global permaneceria forte neste início de ano e que os EUA manteriam a trajetória de desaceleração gradual, sem variação negativa do PIB no primeiro trimestre de 2008, este não foi o principal elemento para o desempenho dos mercados ao longo do período. Em retrospecto, é necessário reconhecer que subestimamos a profundidade e a rapidez da crise de crédito nos EUA, especialmente em seus impactos sobre o setor financeiro; e
- No Brasil houve predominância de fatores técnicos, em detrimento de fundamentos, na determinação dos preços de mercado, especialmente no mercado de bolsa. Em particular, o grande movimento de redução de risco ao longo do mês, por investidores locais e estrangeiros, influenciou os preços dos ativos de forma muito mais significativa do que seus fundamentos econômicos poderiam indicar, mesmo sob hipóteses conservadoras. Nossa carteira de ações, cujo desempenho fora bastante sólido em 2007, mesmo durante o período de maior volatilidade no segundo semestre do ano, teve performance muito aquém da esperada em março.

Nossa visão para a economia mundial é positiva, especialmente a partir do segundo semestre do ano. Acreditamos que as incertezas de curto prazo no exterior, ligadas ao risco de desaquecimento excessivo da economia mundial em um ambiente de inflação elevada, serão reduzidas gradualmente nos próximos meses. Por sua vez, o desconforto atual no Brasil, derivado da iminência de um processo de alta de juros, também poderá ter uma resolução favorável, no sentido de um ciclo benigno que mantenha a boa perspectiva de crescimento e a inflação sob controle. Em que pese esta visão construtiva, o futuro imediato se apresenta bastante desafiador, o que implica em cautela e reavaliação contínua na exploração do nosso cenário.

Nosso horizonte de investimento é de longo prazo e temos absoluta confiança em nossa equipe e no processo de investimento, responsáveis pelo sólido desempenho de nossos fundos nos últimos anos. Nosso objetivo permanente é fortalecer a cultura e a competência da empresa, em todos os momentos.

Nas próximas páginas apresentamos uma análise do cenário econômico e do desempenho dos fundos.

Atenciosamente,



Walter Maciel Neto
Quest Investimentos Ltda.

Relatório Mensal – Março de 2008

1. Cenário Macroeconômico

O primeiro trimestre, especialmente o mês de março, foi um período bastante complexo e difícil para os mercados, em função da intensidade e da abrangência da crise financeira americana. Nosso cenário para o período era de volatilidade em função da crescente incerteza a respeito da qualidade dos ativos imobiliários, que garantem um bom pedaço dos financiamentos do sistema financeiro dos EUA, além das dúvidas sobre a desaceleração da economia. No entanto, não esperávamos que a evolução da crise ao longo de março fosse tão rápida, com forte deterioração da liquidez mesmo para o financiamento de ativos de maior qualidade, culminando com a derrocada da Bear Sterns. Além disso, nosso cenário de lenta desaceleração da economia americana, com PIB ainda positivo no 1º trimestre do ano vinha se confirmando, assim como a resiliência da economia global.

Mas é preciso reconhecer que isso de nada valeu em face dos problemas mais prementes do mercado e, vendo em retrospecto, demos peso insuficiente para tais dificuldades, especialmente no curto prazo. Houve uma dicotomia entre o bom desempenho econômico do resto do mundo no 1º trimestre, com manutenção de forte crescimento nos mercados emergentes e mesmo na Europa, e a dinâmica do mercado financeiro, muito dependente dos acontecimentos nos EUA.

Olhando para frente, consideramos que a ação do Federal Reserve no sentido de evitar o pior foi bem sucedida, ao injetar liquidez no que na prática é uma estatização de parte do mercado de financiamento interbancário. Isso porque pela primeira vez em décadas o Fed passou a aceitar papéis com risco de crédito privado em troca de dinheiro. Apesar de não atacar o problema fundamental, que é o ajuste nos preços dos ativos imobiliários e dos instrumentos financeiros derivados, a ação do Fed pelo menos estanca o ajuste abrupto e abre espaço para uma desalavancagem mais ordeira do sistema, que deve continuar nos próximos meses.

O futuro próximo ainda apresenta riscos elevados, derivados da continuidade dos problemas financeiros e da iminência de recessão nos EUA. Um roteiro possível para uma melhora sustentada das expectativas e dos mercados seria o seguinte:

- a) Atividade econômica nos EUA nos próximos meses mostre que a recessão será branda, apesar do ciclo de crédito. Consideramos praticamente inevitável que haja uma contração do PIB no 2º trimestre, mas há boas chances que seja pequena, entre -0,5% e -1%. Isto é importante para dimensionar o tamanho aumento do desemprego e do ajuste de consumo das famílias, que é a principal incerteza hoje.
- b) Continuidade da ação coordenada do governo dos EUA para minimizar a crise, por meio do uso de recursos fiscais. Não haverá o que chamamos de “bala de prata”, ou seja, o encaminhamento da crise será lento e ocorrerá a partir de várias medidas, de natureza fiscal, monetária e regulatória. Haverá também ruído político. Mas é importante que este processo caminhe, o que deve ocorrer ao longo dos próximos meses, já que o problema já adquiriu dimensão política. O objetivo da ação estatal será o de minimizar o tamanho do inevitável ajuste nos preços dos imóveis;
- c) Algum sinal de redução no ritmo de queda nos preços dos imóveis, que é a raiz do problema. Isto depende que os estoques a venda mostrem uma tendência de queda. Em nossas estimativas, acreditamos que esta redução se dará progressivamente a partir de meados do ano, o que seria um sinal antecedente para menores quedas de preços e sua eventual estabilização. Este processo será lento (a estabilização dos preços pode levar anos e não meses), mas o importante é que a tendência vire de piora para melhora. Isto permitiria enxergar o fim do túnel em termos de avaliação dos ativos financeiros hoje problemáticos, com efeitos favoráveis no mercado;
- d) A economia mundial se mantenha robusta e os riscos de inflação sejam reduzidos. O período de maior incerteza é o atual, dada a baixa visibilidade do tamanho da desaceleração econômica global. Se o fundo da atividade americana, que deverá ocorrer nos próximos meses, ocorrer em um ambiente de robustez global, a confiança no ciclo de crescimento atual voltará.

É difícil precisar o momento exato, mas acreditamos que os fatos até agora estão caminhando em linha com este roteiro. Não podemos ter ilusões de que o problema nos EUA seja resolvido rapidamente e sabemos que o

crescimento econômico levará tempo para voltar a um patamar alto. Possivelmente isto ocorra somente a partir de meados de 2009. Mas também sabemos que ciclos de crédito similares ao que ocorre hoje nos EUA não implicam que a economia não possa crescer ao longo do tempo. Tipicamente há um período de stress financeiros, na linha do que vivemos no 1º trimestre, que pode durar um pouco, mas que tende a cessar. Um prolongamento do problema por anos a fio com conseqüências muito adversas para a economia ocorre apenas quando há erros graves por parte da política econômica, o que não está acontecendo nos EUA, especialmente por conta da pronta ação do Fed.

Em suma, cautela é necessária no curto prazo, mas acreditamos que o pior da crise ficará para trás nos próximos meses, já que a economia mundial parece saudável o suficiente para manter seu dinamismo neste ambiente e as autoridades americanas estão respondendo a contento.

No Brasil, nossa opinião de que o ritmo de crescimento da economia vinha se tornando excessivo teve confirmação dos dados, especialmente com o PIB do último trimestre de 2007 e com as vendas no varejo no início de 2008. Além disso, nossa modelagem de inflação indicava que o IPCA ficaria acima da meta até pelo menos o fim de 2008, chegando a 4,9% no 3º trimestre e terminando o ano em 4,6%. Estas projeções foram confirmadas no relatório de inflação divulgado pelo Banco Central no fim de março, trazendo uma deterioração importante em relação às projeções anteriores. Apesar destas projeções não indicarem perda de controle da inflação, já que permanecem gravitando em torno da meta, certamente trazem desconforto e, sob o ponto de vista de balanço de riscos para a ação da política monetária, representam uma ameaça.

Como fator atenuante há o ciclo de investimentos, que adicionará capacidade produtiva ao longo do tempo, o crescimento das importações, que contribui para reduzir pressões de inflação, e a possibilidade de o período de aceleração do crescimento estar chegando ao fim, conforme se esgotem os estímulos do ciclo de queda de juros finalizado no ano passado. São todos fatores importantes, mas consideramos que os riscos permanecem no sentido maior atividade e inflação e acreditamos o BC optará por uma ação preventiva, iniciando um ciclo de alta de juros na reunião de abril.

As incertezas em relação à trajetória da política monetária têm sido um elemento importante para o cenário doméstico, trazendo desconforto e temores de que será repetido o padrão histórico de parada brusca no crescimento. Temos confiança que a situação atual é diferente dos episódios anteriores, já que o ciclo de crescimento parece bastante mais sólido, com grande dinamismo do investimento. Acreditamos que este ciclo de alta de juros poderá se mostrar benigno ao longo dos próximos meses, com alta probabilidade de ser bem sucedido em levar o crescimento para um patamar sustentável no médio prazo com inflação sob maior controle. Caso isto de fato aconteça, seria um elemento bastante positivo para o cenário de longo prazo da economia, em termos de durabilidade do crescimento e convergência para juros reais mais baixos no futuro. É possível que tal cenário se mostre viável já no 2º semestre de 2008. Daí a importância e conveniência que o BC aja preventivamente e se mantenha na frente dos acontecimentos.

Outro aspecto importante para o cenário brasileiro nos próximos meses e anos será o desempenho da balança comercial e da conta corrente em geral. Após anos de superávit comercial elevado, está em curso uma deterioração importante, com forte redução do saldo esperado para 2008, para US\$ 25 bilhões (contra US\$ 40 bilhões em 2007). Esta redução levará a um déficit em conta corrente da ordem de 1,3% do PIB em 2008, o primeiro desde 2002. A questão que se coloca é em que ponto esta mudança de sinal pode inverter o sinal da taxa de câmbio, no sentido de uma tendência de desvalorização, a ponto de complicar o trabalho do BC no controle da inflação.

Estamos monitorando estas tendências, mas acreditamos que o balanço de pagamentos continuará com superávit em 2008, da ordem de US\$ 25 bilhões, o que permitirá que o BC continue acumulando reservas. Isto porque Brasil continuará sendo um destino importante para investimentos estrangeiros, em função de seu bom momento de crescimento. Além disso, os termos de troca brasileiros (preços de exportação/preços de importação) permanecem elevados, por conta da demanda global por commodities, de modo que o balanço de pagamentos brasileiro continuará fundamentalmente saudável em 2008. Mas certamente a trajetória da conta corrente é um risco para os próximos anos e deve ser monitorada com atenção.

2. Estratégia dos Fundos Multimercado

Os fundos multimercado tiveram uma postura cautelosa em relação aos mercados internacionais e otimista com o cenário de crescimento na economia brasileira. Embora as posições em Brasil fossem de tamanho moderado, houve perda significativa. O Quest 1 e o Quest 30 fecharam o mês com quedas de 2,52% e 5,32%, respectivamente. As contribuições negativas vieram de diversos mercados, em particular de nossas alocações no mercado de ações.

Na parte de bolsa, a performance da carteira foi bastante inferior à do índice Bovespa. Consideramos que isto ocorreu devido à alta volatilidade e a uma significativa venda de ações brasileiras por parte de investidores locais e estrangeiros, principalmente posições iniciadas ao longo de 2007 durante as várias ofertas públicas de ações. As principais perdas foram nos setores de petróleo, construção civil e consumo, setores nos quais considerávamos (e consideramos) haver bastante valor. Na parte de consumo, em particular, acreditamos nos fundamentos de empresas mais expostas ao crescimento de renda, com menor exposição a crédito ao consumidor e também menor necessidades de capital durante o ano de 2008. Entretanto, o mercado de ações nesse ambiente de maior volatilidade e grande fluxo de vendas não distingue bons e maus fundamentos, muitas vezes penalizando com especial violência as boas empresas. Estes ajustes técnicos de mercado nos obrigaram a reduzir algumas destas posições ao longo do mês, de forma a privilegiarmos liquidez da carteira.

O nosso cenário para a política monetária vem se materializando, com uma maior probabilidade de o COPOM elevar os juros na reunião de abril. Isso fez com que nossas posições tomadas em juros pré de curto prazo (Jan 2009) contribuíssem positivamente. Entretanto, mantivemos posições aplicadas na parte mais longa da curva de juros nominais, em função de nossa visão de que o BC atuará preventivamente, reforçando a confiança nos juros de longo prazo. Contudo, esta alocação foi negativamente afetada pela recente introdução do IOF para investidores estrangeiros. Apesar deste imposto não mudar nossa visão de convergência ao grau de investimento, reconhecemos que houve influência importante na percepção do investidor estrangeiro de renda fixa, com respeito à manutenção de regras no mercado financeiro brasileiro, especialmente neste momento de maior incerteza. Por isso, também reduzimos algumas posições de juros longos, apenas taticamente.

No mercado de câmbio, vemos o Real como uma das moedas mais atrativas, tanto no universo de moedas emergentes como nos mercados desenvolvidos. Porém, posições no Real foram os grandes destaques dos 2 últimos anos, e durante um período de desalavancagem como o que estamos, optamos por ter posições através de estruturas de opções. Iniciamos o mês passado com posições vendidas em Florint da Hungria (HUF), como proteção a aversão a riscos, mas cortamos essa posição, devido à valorização do Euro. Mantemos nossa exposição ao Dirham de Emirados Árabes (AED), visando apreciação da moeda em um evento de mudança de sua política cambial atrelada ao dólar.

Quanto aos hedges da carteira, retiramos a posição vendida em bancos europeus ainda no início do mês, quando percebemos que a ação do FED em injetar liquidez nos bancos americanos poderia gerar uma cobertura de posições vendidas no setor financeiro. Mas esta retirada ocorreu cedo demais, já que a ação de maior envergadura do Fed veio apenas na segunda quinzena de março. Tais posições haviam sido um hedge bastante efetivo em janeiro (com contribuição positiva) e em fevereiro (neutro, com mercado em alta), e sua retirada um pouco antes do momento ideal impediu que nossa carteira fosse protegida em março no montante pretendido.

Dado o cenário descrito acima, mantemos nossa expectativa de bom desempenho da economia mundial e progressiva estabilização da economia americana. Isto reforça nossa visão construtiva para o Brasil. Sendo assim, os temas de investimento permanecem: (1) expectativa de ação preventiva do BC no Brasil, reforçando a confiança na parte longa da curva de juros; (2) alocação em bolsa brasileira mais diversificada, mantendo exposição a temas de consumo, construção e commodities; (3) continua atratividade do Real em uma cesta global de moedas. Um fator de risco importante para nosso cenário base é uma eventual desaceleração excessiva na economia européia e, por isso, relocalizamos como hedge uma posição aplicada em juros na Alemanha, que nos parece uma forma barata de proteção para o risco de desaceleração na Europa.

3. Estratégia do Fundo Quest Ações FIA

Em função do cenário descrito acima, houve um movimento forte de desalavancagem de posições vindo de investidores internacionais (venda de aproximadamente R\$2,5 bilhões na Bovespa no mês) e locais (dados do site financeiro Fortuna apontam para resgates na ordem de R\$ 4,846 bilhões nos em fundos multimercado e long & shorts) em diversos setores. Ao contrário do que houve no segundo semestre de 2007, quando as chamadas "small caps" sofreram, março trouxe dúvidas quanto aos temas de commodities e de consumo local, afetando até mesmo as "large caps". Os papéis sofreram com fluxo e os fundamentos foram esquecidos.

O Ibovespa médio encerrou o mês com perda 5,53%. Na mesma tendência, o Quest Ações FIA encerrou março com queda de -8,97%.

Um dos destaques negativos na rentabilidade do fundo, e do índice, foi a desvalorização das ações da Petrobrás (PETR4 -9,36%). Alguns pontos que contribuíram para a má performance do papel foram: (i) resultado do 4T07 mais fraco; (ii) os dados de produção de petróleo e gás de fevereiro abaixo da expectativa do mercado; e (iii) avaliação por meio de múltiplo da Petrobrás é menos atrativa do que as comparáveis internacionais, o que torna o desempenho das ações correlacionado ao anúncio de novas reservas, cenário em que continuamos acreditando para o médio prazo. Desde o anúncio do resultado passamos a carregar uma posição menor do papel.

O setor de construção também se destacou negativamente. O fluxo de venda no setor afetou praticamente todos os papéis, sem distinção de fundamentos. Não mudamos as ações que gostamos, mas reduzimos as posições ao longo do mês de forma a enfrentar a volatilidade que acreditamos que o setor deve sofrer e avaliar outro momento de compra. As empresas que gostamos têm situação confortável de caixa e vêm apresentando alta velocidade de vendas, o que comprova boa execução financeira e operacional. Mantemos o foco na baixa renda e acreditamos que os prazos de financiamentos e os incentivos do governo ao segmento são suficientes para manter a demanda forte. Entendemos também que as empresas menos capitalizadas terão desempenho pior em função da expectativa de escassez de capital (*follow-on* ou dívida) para cumprir o plano de crescimento.

Outro setor que teve desempenho ruim foi o de consumo. Já vínhamos privilegiando empresas com exposição ao crescimento de renda e consumo básico, menos dependentes de crédito ao consumidor. Teoricamente, estaríamos mais protegidos das medidas administrativas restritivas ao crédito. Na prática, porém, apenas as empresas de alimentos tiveram bom desempenho no mês. O restante foi dominado pelo fluxo e por múltiplos de crescimento que acabam por ter mais sensibilidade à antecipação de uma alta de juros. Reduzimos essas posições ao longo do mês para avaliar este fluxo de desalavancagem e aguardar momento mais oportuno de compra. Muitas empresas já apresentam múltiplos atrativos, mas os compradores podem ficar de fora por um tempo maior. Continuamos acreditando que empresas mais direcionadas ao consumo discricionário e com crescimento vinculado ao crédito poderão ter revisões de expectativas de crescimento para baixo mais adiante.

As contribuições positivas vieram dos setores de mineração e telefonia, cabo e mídia, onde aumentamos nossa exposição ao longo do mês. Por fim, logo após o evento de CESP, voltamos a comprar algumas empresas geradoras no setor elétrico sem exposição ao risco de renovação de concessões de 2015, ações que apresentaram desempenho positivo no fim de março.

4. Estratégia do Fundo Quest Long Short 30 FIM

Em função do cenário descrito acima, houve um movimento forte de desalavancagem de posições vindo de investidores internacionais (venda de aproximadamente R\$2,5 bilhões na Bovespa no mês) e locais (dados do site financeiro Fortuna apontam para resgates na ordem de R\$ 4,846 bilhões nos em fundos multimercado e long & shorts) em diversos setores. Ao contrário do que houve no segundo semestre de 2007, quando as chamadas "*small caps*" sofreram, março trouxe dúvidas quanto aos temas de commodities e de consumo local, afetando até mesmo as "*large caps*". Os papéis sofreram com fluxo e os fundamentos foram esquecidos.

Em fevereiro, o Fundo Quest Long Short 30 apresentou rentabilidade de -1,93%, acumulando perda de -1,55% no ano.

Um dos destaques negativos na rentabilidade do fundo, e do índice, foi a desvalorização das ações da Petrobrás (PETR4 -9,36%). Alguns pontos que contribuíram para a má performance do papel foram: (i) resultado do 4T07 mais fraco; (ii) os dados de produção de petróleo e gás de fevereiro abaixo da expectativa do mercado; e (iii) avaliação por meio de múltiplo da Petrobrás é menos atrativa do que as comparáveis internacionais, o que torna o desempenho das ações correlacionado ao anúncio de novas reservas, cenário em que continuamos acreditando para o médio prazo. Desde o anúncio do resultado passamos a carregar uma posição menor do papel.

O setor de construção também se destacou negativamente. O fluxo de venda no setor afetou praticamente todos os papéis, sem distinção de fundamentos. Não mudamos as ações que gostamos, mas reduzimos as posições ao longo do mês de forma a enfrentar a volatilidade que acreditamos que o setor deve sofrer e avaliar outro momento de compra. As empresas que gostamos têm situação confortável de caixa e vêm apresentando alta velocidade de vendas, o que comprova boa execução financeira e operacional. Mantemos o foco na baixa renda e acreditamos que os prazos de financiamentos e os incentivos do governo ao segmento são suficientes para manter a demanda forte. Entendemos também que as empresas menos capitalizadas terão desempenho pior em função da expectativa de escassez de capital (*follow-on* ou dívida) para cumprir o plano de crescimento.

Outro setor que teve desempenho ruim foi o de consumo. Já vínhamos privilegiando empresas com exposição ao crescimento de renda e consumo básico, menos dependentes de crédito ao consumidor. Teoricamente, estaríamos mais protegidos das medidas administrativas restritivas ao crédito. Na prática, porém, apenas as empresas de alimentos tiveram bom desempenho no mês. O restante foi dominado pelo fluxo e por múltiplos de crescimento que acabam por ter mais sensibilidade à antecipação de uma alta de juros. Reduzimos essas posições ao longo do mês para avaliar este fluxo de desalavancagem e aguardar momento mais oportuno de compra. Muitas empresas já apresentam múltiplos atrativos, mas os compradores podem ficar de fora por um tempo maior. Continuamos acreditando que empresas mais direcionadas ao consumo discricionário e com crescimento vinculado ao crédito poderão ter revisões de expectativas de crescimento para baixo mais adiante.

As contribuições positivas vieram dos setores de mineração e telefonia, cabo e mídia, os quais aumentamos ao longo do mês. Por fim, logo após ao evento de CESP, voltamos a montar alguns pares no setor elétrico levando em consideração a exposição ao risco de renovação de concessões de 2015.

5. Atribuição de Performance – Março de 2008

Quest 1 FIM	
Bolsa	-1,70%
Bolsa ex-Brasil	-0,32%
Dólar	-0,61%
Outras moedas	-0,15%
Outros ativos ex-Brasil	-0,03%
Inflação Brasil	-0,01%
Juros Brasil	-0,31%
Caixa	0,76%
Despesas	-0,03%
Custos	-0,12%
Rentabilidade Líquida	-2,52%

Quest 30 FIM	
Bolsa	-3,32%
Bolsa ex-Brasil	-0,48%
Dólar	-1,13%
Outras moedas	-0,28%
Outros ativos ex-Brasil	-0,11%
Inflação Brasil	0,02%
Juros Brasil	-0,45%
Caixa	0,63%
Despesas	-0,04%
Custos	-0,16%
Rentabilidade Líquida	-5,32%

Quest Ações FIA	
Agronegócio	0,00%
Bens de Capital	-1,23%
Construção Civil	-2,21%
Consumo	-2,33%
Elétricas e Saneamento	0,18%
Inst. Financeiras e Seguros	-0,27%
Logística e Transportes	-0,47%
Mineração e Siderurgia	-0,97%
Papel e Celulose	0,00%
Petróleo, Gás e Petroquímica	-2,26%
Telefonia, Mídia e Tecnologia	0,17%
Caixa	0,40%
Despesas / Custos / Juros	0,00%
Rentabilidade Líquida	-8,97%

Quest Long Short 30 FIM	
Agronegócio	0,02%
Bens de Capital	-0,66%
Construção Civil	-0,33%
Consumo	-0,77%
Elétricas e Saneamento	-0,11%
Inst., Financeiras e Seguros	-0,09%
Logística e Transportes	0,23%
Mineração e Siderurgia	-0,29%
Papel e Celulose	0,05%
Petróleo, Gás e Petroquímica	-0,79%
Telefonia, Mídia e Tecnologia	0,52%
Caixa	0,50%
Despesas / Custos / Juros	-0,21%
Rentabilidade Líquida	-1,93%

Itens que compõem Despesas: corretagem, taxas (exceto taxas referidas em custo), cartório, impressos e demais despesas; e Custos: taxas administração, performance e custódia.

6. Histórico de Performance:

QUEST 1 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	CDI
2004	1,79%	2,13%	1,15%	1,23%	1,77%	0,86%	1,06%	1,38%	1,45%	0,96%	1,53%	1,75%	18,45%	114,05%
2005	1,34%	1,82%	1,01%	1,18%	1,76%	1,15%	1,23%	1,35%	1,69%	1,14%	1,78%	1,88%	18,78%	98,87%
2006	3,55%	3,06%	0,50%	2,54%	-1,09%	1,75%	1,53%	2,10%	1,00%	1,76%	1,55%	1,97%	22,11%	146,97%
2007	0,98%	0,88%	1,37%	2,76%	2,54%	0,43%	1,01%	-0,50%	1,41%	2,15%	-0,06%	-0,15%	13,54%	114,48%
2008	-0,25%	0,35%	-2,52%										-2,42%	n.a.

QUEST 30 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	CDI
2004										0,71%	2,90%	2,50%	6,22%	191,44%
2005	1,34%	2,83%	0,62%	0,87%	2,19%	0,48%	0,88%	1,08%	2,14%	0,84%	2,83%	2,55%	20,27%	106,71%
2006	5,78%	4,49%	-0,27%	3,94%	-3,04%	2,37%	2,01%	3,01%	1,09%	2,47%	2,05%	2,89%	29,97%	199,22%
2007	1,06%	1,02%	1,76%	4,53%	4,09%	-0,10%	1,20%	-2,14%	2,23%	3,57%	-0,80%	-0,69%	16,65%	140,85%
2008	-1,27%	0,20%	-5,32%										-6,34%	n.a.

QUEST AÇÕES FIA														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	Ibov.*
2005						0,98%	1,32%	7,34%	9,82%	-1,19%	10,15%	6,85%	40,25%	28,99%
2006	9,34%	7,80%	-1,17%	19,53%	-6,44%	-1,43%	1,58%	2,44%	1,89%	8,25%	6,41%	9,84%	72,26%	33,73%
2007	2,22%	3,53%	4,45%	8,09%	7,92%	3,62%	4,80%	0,21%	9,20%	9,80%	-1,84%	3,10%	70,25%	43,68%
2008	-9,75%	8,24%	-8,97%										-11,09%	-5,26%

* Ibovespa
Médio

QUEST LONG SHORT 30 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	CDI
2007	2,08%	4,86%	1,24%	2,19%	2,65%	1,63%	3,73%	1,00%	0,72%	2,75%	0,58%	2,18%	28,74%	243,08%
2008	-0,70%	1,09%	-1,93%										-1,55%	n.a.

Para mais informações entrar em contato com:

Fone: 55 11 3526-2250 email: comercial@questinvest.com.br

As informações contidas neste material são de caráter meramente e exclusivamente informativo, não se tratando de qualquer recomendação de compra ou venda de qualquer ativo negociado nos mercados financeiro e de capitais. A QUEST não se responsabiliza pelas decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste material. A Quest Investimentos Ltda, não comercializa nem distribui quotas de fundos de investimentos ou qualquer outro ativo financeiro. As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo. É fundamental a leitura do regulamento dos fundos antes de qualquer decisão de investimento. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura. As rentabilidades divulgadas não são líquidas de impostos. Todos os fundos de investimento geridos pela Quest Investimentos Ltda, utilizam estratégias com derivativos como parte integrante de suas política de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas. Nenhum fundo conta com garantia da instituição administradora, da gestora ou do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. Para avaliação da performance do fundo de investimentos, é recomendável uma análise de período de, no mínimo, 12 (doze) meses. Riscos gerais: em função das aplicações do fundo, eventuais alterações nas taxas de juros, câmbio ou bolsa de valores podem ocasionar valorizações ou desvalorizações de suas cotas. Para obtenção do Regulamento, Histórico de Performance, Prospecto, além de eventuais informações adicionais, favor entrar em contato com a administradora dos fundos da Quest Investimentos Ltda.